

301.2
S471a
e.2

DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL

Antropologia e seus espelhos :



21000041500

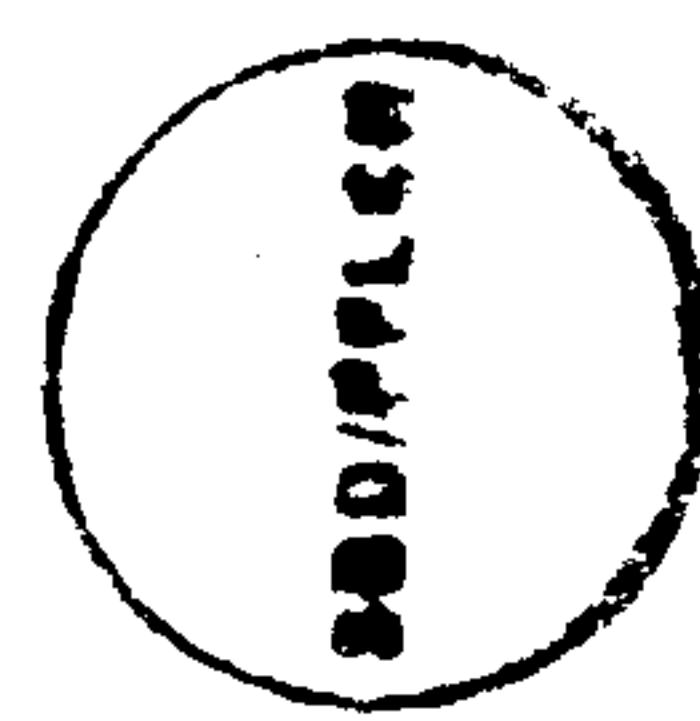
**ANTROPOLOGIA
E SEUS ESPELHOS**

A etnografia vista pelos observados

TOMBO: 123113



SBD-FFLCH-USP



Organizadores:

Vagner Gonçalves da Silva
Letícia Vidor de Souza Reis
José Carlos da Silva

ALTON KRENAK

Boa noite para vocês. Se tiver alguém com mais ânimo do que eu para falar primeiro esteja à vontade [risadas]. Não sei se é uma honra falar primeiro ou se é um abacaxi... Quando fui convidado para vir falar e soube que o tema dessa conversa era o delicado universo da relação dos cientistas sociais com a cultura do nosso povo, no começo eu falei: "Não, não vou nesse negócio". Depois, pensei bem. Conheço algumas pessoas dessa universidade que têm trabalhado com muita responsabilidade na sua área de conhecimento. Algumas foram se não ativistas, animadoras de movimentos importantes da luta de nosso povo. Alguns departamentos dessa universidade abrigaram em momentos difíceis nossas ações de resistência. Então, eu tenho uma referência com relação a alguns companheiros dessa universidade que no exercício da sua atividade científica fizeram aquilo que poderia ser chamado de uma pesquisa engajada: subsidiaram estudos que embasaram reivindicação de territórios e resgataram documentos históricos que permitiram entrar com ações legais contra a União para assegurar as terras para as nossas tribos. Assim, pensei sobre isso e em respeito a essas pessoas que têm um trabalho sincero julguei que a gente podia conversar um pouco também sobre esse aspecto da nossa relação.

A impressão que eu tenho é que para a minha tribo, a relação com os cientistas, antropólogos, sociólogos, os chamados etnólogos, não é uma coisa tranquila nem resolvida e, via de regra, eles são tomados pelo nosso pessoal da mesma maneira que o garimpeiro, o madeireiro, o colono, isto é, em alguns momentos são vistos como estranhos e estrangeiros, que nem sempre revelam a sua intenção para conosco e que não têm a nossa confiança.

Eu acho que o fato de eu estar conversando com um público de pessoas cuja profissão é exatamente a atividade de estudar, conhecer e pesquisar as nossas culturas, vem da consciência de que não estou sómente no universo de cultura da minha tribo, mas muito envolvido com a cultura de todos vocês, que é a cultura geral, não só dos brasileiros, mas do mundo. Então, também já tenho algumas maneiras e recursos para fazer apreciações sobre vocês, que nem sei se cabem, mesmo num sentido muito puro, digamos assim, de cultura.

Quando cheguei estava terminando de passar um vídeo que já assisti sobre a visita dos Waiápi aos seus parentes do Curinapanema. Os Waiápi têm pouco tempo de contato com os brancos, do ponto de vista histórico. Eles têm em relação aos Krenak, que são habitantes do Vale do Rio Doce, uma distância muito grande do mundo dos brancos, mas já se sentem espertos o suficiente para ensinar aos parentes do Curinapanema como tomar cuidado com os brancos. Vocês devem ter visto no vídeo eles fal-

rem: "Olha parente, não ande assim pelado perto dos brancos que eles vão ficar gozando de você". "Eu não ando pelado, eu tenho roupa, mas o branco fica me gozando ele fica puxando essa tira aqui, porque ele tem aquela tira de pano, e falando: 'como você tem rabo grande'". Então, o Waiápi, que há pouco tempo conhece os brancos, já sabe um pouquinho sobre como avisar um parente, que conhece menos ainda os brancos, acerca destes.

Minha tribo desde o século passado vem experimentando aprender como é o branco. Em 1808, o governo brasileiro, que era D. João VI, decretou guerra de extermínio a ela. Tem um documento, um decreto sobre isso. Essa guerra durou de 1808 a 1893. Foi terrível. Os documentos históricos do período, não sei se foi o Segundo Império ou o Reinado, registraram uma guerra do Estado de forma sistemática contra o meu povo. Todos os regimentos militares que o governo pôde mobilizar no Rio Doce para cercar e exterminar minha tribo foram utilizados. Essa guerra chamou-se "Guerra de extermínio aos Botocudos do Vale do Rio Doce". Então, durante quase um século, a única coisa que a gente recebeu dos brancos foi chumbo, e chumbo grosso. Quando a gente virou o século XIX e entrou no século XX, os pequenos grupos familiares remanescentes dos Botocudos, os dezenas subgrupos da minha nação que sobreviveram e entraram no século XX, estavam refugiados nas serras. Existe na geografia do Brasil uma serra chamada Serra dos Aimorés. Ela tem esse nome porque quando os engenheiros foram fazer a localização das terras, um dos lugares onde tiveram dificuldades para entrar foi onde estavam refugiadas as últimas hordas de guerreiros dos Botocudos. Elas ali estavam para não deixar os brancos passarem para além das serras situadas na divisa do Espírito Santo com Minas Gerais. Assim, aquela serra, como não era um lugar muito transitável, virou um refúgio do meu pessoal durante um longo período. Quando o Marechal Rondon, à frente do SPI - Serviço de Proteção ao Índio-, atendeu um apelo dos colonos lá do Rio Doce e marchou com suas tropas para "pacificar" os Krenak - que é um eufemismo, uma piada esse negócio de pacificar, eles foram lá para matar o resto da minha tribo. Eles conseguiram que alguns dos nossos capitães e chefes de grupos se rendessem a um acordo e ganhassem uns presentes. Nós somos aldeados em 1922, numa reserva perto do município atual de Resplendor, entre Resplendor e Conselheiro Pena. Nestes lugares a gente não parou, contudo, de sofrer essa guerra e a população local, quando pode, faz tiro ao alvo ao índio.

Eu não acredito que a história das outras tribos no Brasil seja muito diferente dessa breve história de contato que os Krenak têm com a sociedade nacional. Os antropólogos, mesmo aqueles naturalistas que passaram lá tirando retratos do meu pessoal e aqueles outros colegas da exp-

dição Langsdorff, eram todos estrangeiros. Eles tinham fardas parecidas com as dos "milícias" que atiraram no meu pessoal. Também tinham aparelhos e equipamentos que não eram muito diferentes dos engenheiros que localizavam e tomavam a terra da gente. Eles formaram sempre um pacote de personagens estranhos que podiam até estar produzindo alguma informação sobre nós, mas não fazia diferença se essas informações eram relatórios militares ou, como hoje já sou mais espertinho e sei o nome das coisas, relatórios ou teses antropológicas, ou coisas do gênero. O que nós sentimos ao longo desse tempo é de que tudo o que o branco pôde saber sobre nós foi usado contra nós. Mais ou menos como aquela história que diz: "você tem direito a ficar calado e tudo o que você disser será usado contra você". Pode parecer a vocês que eu estou com uma visão muito cáustica ou violenta com relação a essa atividade científica tão natural quanto ser arquiteto, engenheiro ou médico. Agora, se existe na cultura ou tradição como essa dos brancos, que é ocidental, uma motivação para especializar alguém para estudar e esmiuçar a cultura do outro, essa motivação pode ser verdadeira e positiva, no sentido de uma busca de um conhecimento mais enriquecedor para a experiência humana e mais aproximador verdadeiramente das pessoas. Mas, eu sempre fico com a desconfiança de que o motor desse estudo ou pesquisa não é nenhuma paixão muito espiritual, é um esforço de dominação, controle e manipulação. Existe uma recorrência na história dos povos de conhecer para dominar. No meu povo a gente não tem antropólogo. Eu conheço poucas tribos que têm antropólogo. Será que as culturas tribais nunca desenvolveram essas ciências por que são assim meio moles e distraídas, ou por que elas não estão interessadas em desenvolver instrumentos de dominação de outra cultura ou de outro povo?

E outra coisa que eu fico sentindo e observando é que para o povo estudado pelas outras pessoas, objeto de estudo dos outros, que esses dados e informações não são oferecidos para essa gente como instrumento real da sua auto-apreciação e de sua defesa. Inclusive, porque a maior parte dos livros que são escritos sobre nossas tribos, a gente não tem dinheiro para comprar. Tem até uma piada recente: uma mulher foi convidada por uma editora na Inglaterra para fazer um livro sobre os índios da Amazônia e lançar no importante mercado verde da Eco-92. Ela veio para o Brasil, andou nos lugares, fotografou umas tribos e o livro chamou-se *Amazônia desaparecendo*, em inglês era *Missing Amazon*, ou coisa assim. E quando ela conversou comigo sobre aquele negócio eu falei: "Interessante, como você se sentiria se eu fosse para Inglaterra fazer um livro sobre vocês com o título *Ingleses desaparecendo*? Que falta de respeito é essa?!" Está pensando que nós somos o quê? Dinossauros? Nós somos alguma tartaruga que o último ôvo gorou? Que merda é essa de fazer uma proje-

ção desrespeitosa desse jeito sobre um povo? Vocês já calcularam quando é que vão exterminar o resto de nossa gente? Já definiram qual vai ser o método: vai ser com napalm, de fome, de humilhação, de tristeza, de quê?" Então, essa pessoa não fez isso de sacanagem. Ela fez isso naturalmente, como fazem naturalmente os povos que têm certeza que vão continuar vivendo com a certeza de que os outros vão continuar desaparecendo. Por que as nossas tribos não fazem museus para guardar as bugigangas dos brancos, para quando os brancos desaparecerem a gente olhar para elas com saudade e dizer: "Vejam os brancos desaparecendo, coitadinhos!?" Por que a gente não grava músicas dos brancos e não guarda na nossa fonografia para quando os brancos desaparecerem dizermos: "Veja como os brancos cantavam!"?

A impressão que tenho é de que uma parte da humanidade foi feita para desaparecer e outra para ficar. A que foi feita para ficar tem antropólogo, etnólogo, musicólogo, arquiteto, temólogo, ólogo, ólogo. A que foi feita para desaparecer tem objetos de pesquisa. Então, eu tenho uma relação muito tensa com esse negócio, ainda não consegui resolver esse problema com os "antropófagos". Quem sabe um dia eu consiga me entender melhor com eles? Mas acho que "antropólogo" e "antropófago" são assim mesmo. Eu não sei, mas acho que esse desafio que me deram de falar primeiro é ao mesmo tempo uma fria para mim e para vocês também, porque eu trago um monte de coisas que pode não ter nada a ver com o que vocês estão pensando que eu vou falar e nem com o assunto que eles marcaram aqui no papel. Obrigado.

ELISABETE APARECIDA PINTO

Eu queria começar agradecendo aos alunos da pós-graduação pelo convite feito às Geledés e lendo o roteiro no qual constavam os objetivos dessa mesa fiz minha fala levando em conta alguns dos pontos sugeridos: as relações de poder na produção do saber, como o grupo pesquisado se sente, e o retorno e impacto nas organizações negras das pesquisas que, a meu ver, definem não só identidades mas qualidades e tempos de vida. Bom, aí está. Participar de uma mesa que tem por objetivo verificar o impacto das produções etnográficas nas práticas sociais, e aqui em nosso caso mais específico nas práticas sociais negras; nos sugere primeiramente uma reflexão sobre as relações de poder na produção do saber. Para mim, as relações de poder se produzem e se reproduzem nas práticas cotidianas; os grupos majoritários que têm mais acesso aos bens e serviços acabam exercendo poder nos espaços econômicos, políticos e do conhecimento.

mento. Um autor traduz esse quadro se referindo especificamente às relações de poder que estão no bojo da atividade etnográfica. Numa citação que traduzi diretamente do original (eu não tenho bom inglês e espero que vocês considerem isso), ele diz:

As etnografias são mediadas politicamente visto que a força de um grupo ou pessoa para falar em nome de outra está sempre envolvida. A etnografia influencia irrevogavelmente os interesses e a vida das pessoas representadas nela individual e coletivamente para melhor ou para pior. Penso que é na escrita do texto etnográfico que a autoridade do pesquisador aparece em todas as suas dimensões, já que é o pesquisador que avalia, prioriza os dados recolhidos como a cronologia dos depoimentos e enfatiza alguns temas em detrimento de outros. Essa produção final do conhecimento se torna pública via diversas formas de linguagens e pode ser manipulada por uma comunidade e pela sociedade mais ampla.

Eu só coloquei essa questão da linguagem porque os textos produzidos e a produção do conhecimento acabam numa linguagem que se difunde para a sociedade como um todo e passando para o senso comum. É uma coisa muito complicada que eu não sei se vou conseguir localizar bem isso. As linguagens são instrumentos transmissores do conhecimento segmentado e socialmente definido como realidade. Esse conhecimento é fixado na consciência do indivíduo. Desta forma, as linguagens são instrumentos de controle e legitimação, mas também de transformação do contexto social.

Há um outro ponto que é a produção do conhecimento sobre o negro no Brasil. Eu não vou me estender sobre isso e passarei para a questão de como o grupo se sente. Acredito que os motivos para que um pesquisador escolha como objeto de estudo as questões étnicas, raciais ou negras são diversos e se manifestam de acordo com as situações específicas e interesses que cada pesquisador traz de suas vivências anteriores. Lendo as introduções de livros e teses sobre o assunto, pude perceber que é comum encontrar justificativas diferentes para o estudo desse tema. Todavia, em apenas um caso pude observar a exposição dos problemas encontrados na elaboração do trabalho de campo junto à população negra:

Quando as reuniões do grupo de estudos passaram a ser realizadas nas dependências do clube pude manter um contato direto com as pessoas que viriam a ser os principais informantes desse trabalho. Foi nessa ocasião que eu experimentei uma grande sensação de desconforto, a sensação de estar sendo discriminada pois grande

parte das discussões giravam em torno da validade da minha participação no grupo; era acusada por alguns membros do grupo de observá-los como objetos de pesquisa e vista como uma espiã. Minha presença era discutida porque se os negros conseguissem alguma coisa eu iria dizer que foi com a ajuda do branco. Por outro lado, era apoiada pelos que me convidavam e estes acusavam os primeiros de discriminadores, extremistas e ignorantes. Para melhorar o meu relacionamento no clube, tive que abrir o meu jogo explicando-lhes que o meu projeto de pesquisa pretendia estudar apenas aspectos relativos à organização familiar e que gostaria de ter como universo de trabalho as famílias do clube porque eram famílias organizadas.

Creio que esta citação demonstra o poder que o antropólogo pensa ter sobre o grupo que pesquisa, bem como revela o nível de mal-estar sentido pelo grupo negro pesquisado em razão da presença de uma pesquisadora branca que, sobretudo, omitia inicialmente seus objetivos diante do grupo. Eu ouso ainda dizer que o espaço das organizações negras é um espaço privado de luta coletiva, e outro aspecto que deveríamos considerar na citação é a utilização de “famílias organizadas”. Mas o que são famílias organizadas? E daí vendo os textos escritos, percebe-se que a autora tirou essa categoria da obra de Florestan Fernandes que, na década de 50, deu até uma grande contribuição, porque ele colocou realmente, ao lado de outros como Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Roger Bastide, que existia um mito da democracia racial no Brasil e que isto aqui não era um paraíso racial. Essa produção vai se contrapor principalmente às idéias de Gilberto Freire e da inferioridade genética do negro que se ancorava principalmente no gobinismo e no darwinismo social. Mas, mesmo essas análises tendo esse avanço, vão classificar, como fez Florestan, as famílias negras como anômicas, separadas entre integradas e não-integradas, organizadas e não-organizadas. Considera, ainda, que as famílias negras organizadas estão longe do padrão estabelecido de normalidade das famílias brancas. E como isso retorna nesse momento para a população negra? Para ele fazer este trabalho entrevistou muitos negros que residiam no Bexiga e os de “élite”. Estes eram os que estavam mais influenciados por essa produção que os levava a pensar que eles não tinham família mesmo e que deviam ter famílias nos moldes dos brancos.

Quando eu estava fazendo meu trabalho conversei com um amigo e falei: “Será que seu pai poderia dar uma entrevista para mim?” Ele falou: “Olha, ele daria, só que ele está falando agora tudo o que o Florestan Fernandes falou que ele era e que foi”. Então, é complicado. E na década de 80 uma nova pesquisadora utiliza as mesmas categorias. Então, aí está a força da linguagem. Eles, os pesquisadores, colocam uma coisa como

certa. Eles têm o poder legitimado pela academia e, de repente, tanto os brancos como os negros acabam falando a mesma linguagem. Mas, o que eu tenho percebido, apesar de eles falam que os negros não aproveitaram o acesso que tinham à escola e a abertura naquela época para mandarem os filhos para escola, é que isso não era verdade. Porém, tem um outro lado que aponta para uma outra questão. Alguns trabalhos que abordam a questão da educação e apontam essas coisas como não verda-deiras. Acredito que a Moema Pacheco, quando trabalha com a família negra, avançava um pouco e até faz crítica a Florestan e a Irene. E depois tem a Kátia Mattoso que tem alguma coisa de novo e que fazem críticas ao que já foi feito. Uma tese que eu gostei muito de ler foi da Célia Marinho de Azevedo que me trouxe alguma coisa assim, porque o impacto dessas pesquisas também é uma questão individual, de como você se vê. Ler Florestan Fernandes, às vezes, quando ele fala da família, é tomar uma dose de rebaixamento da sua auto-estima. Tem coisas que você lê e fala: "Mas eu não sou assim". E isso se difunde no dia-a-dia. Eu estive no IV Congresso Afro-Brasileiro, em Recife, e as coisas que Gilberto Freire dizia, outros pesquisadores ótimos, que têm um trabalho interessante, falam as mesmas coisas. Eu achei interessante o que ocorreu com um pesquisador italiano que fez um trabalho em Salvador. Na mesa dele, que eu não pude terminar de assistir, ele colocava que as mulheres negras, as meninas, se enfeitavam; disse isto por causa dos brincos. Eu achei um absurdo, mas como tinha que participar da outra mesa tive que sair. Ele viu a minha apresentação, eu trabalho com fotografias antigas, e veio me dar os parabéns: "Muito bom o seu trabalho". Ai ele perguntou o seguinte me fazendo objeto de pesquisa dele: "Mas o que a sua mãe diz, o que seus pais dizem?" Eu falei: "Mas como, dizem do quê?" "De ver o seu trabalho, assim, interessante?" Eu falei: "Olha, é minha obrigação, minha mãe trabalhou a vida inteira para isso. E ela trabalhou para que a filha dela pudesse dar alguma coisa na vida". "E seu pai?" Bom, ele me encheu tanto a paciência que eu falei: "Meu pai infelizmente morreu, mas se estivesse vivo e aquiperto de mim diria: 'Diga a esse moço, minha filha, que você não sabe se ele foi educado com a mesma dignidade e integridade que você foi'". Porque é constante ver a outra como prostituta ou doméstica. Então, você ouve isso no dia-a-dia, quando sai do seu prédio, toda bonitinha com um brinco assim: "Ah, você quer trabalhar?" "Como, senhora?" E você ouve o mesmo do pesquisador. Então, por isso que essas linguagens, essas produções, sedimentam-se e interferem não só na identidade, mas na vida e na saúde da gente. Nós temos uma população no Brasil na qual a maioria de negros é hipertensa. Eu trabalho no Geledés, Instituto da Mulher Negra, no programa de saúde, que não deveria ter um "Setor de Pesquisa", mas por que ele existe? Para que a gente possa pesquisar essas questões

ligadas à saúde. Porque quando você olha e vê uma desigualdade tão grande, diferenças de acesso aos bens de serviço, pessoas sem dentes, não sendo bem atendidas nos serviços de saúde e pensa que tudo isso tem um reflexo e uma resposta.... Porque uma coisa é você fazer uma pesquisa que interfere na saúde mental, espiritual e na organização da sua vida... E isso eu percebi no dia 18, na quarta-feira, quando fui à Secretaria de Saúde do Estado e um professor da Unicamp apresentou um trabalho sobre a anemia falciforme. Isso porque o Conselho Estadual da Condição Feminina fez algumas reivindicações à nível de implementação das políticas públicas do Estado. Algumas dessas reivindicações feitas pela população negra pediam que fosse feito um exame nas gestantes porque essa é a doença genética de maior incidência no Brasil. Ai eu fui lá e achei incrível como ele usou as categorias para se legitimar diante do amigo dele, que era o secretário. Não teria esse progresso de jeito nenhum porque teria que fazer para os judeus, árabes e para população como um todo. Pois até acredito que tenha doenças específicas, como para os italianos a talassemia, mas ele as excluía da pesquisa dele, e quando eu perguntei: "Mas, como o senhor faz uma pesquisa e não classifica a questão étnica?" "Não, mas é porque o Brasil é um país da miscigenação, não tem isso, temos uma democracia racial e não precisa disso". Mas é que ele era amigo pessoal do secretário. Então, são coisas que eu acho que interferem na vida das pessoas Colocar que uma população é constituída de prostitutas, de famílias sem organização, é muito sério e as pessoas acabam reproduzindo isso a vida toda. Então acho que a gente tem que começar a ter um outro olhar.

Eu sou muito prolixa e vou parar já. Eu achei um texto muito bonito quando estava fazendo o meu trabalho, que é do Renato Rosaldo. Diz o seguinte:

Todas as interpretações são provisórias, elas são feitas de matérias posicionadas e preparadas para saber apenas certas coisas, mesmo quando entendidas, sensíveis, influentes em sua linguagem e capazes de circular facilmente no mundo cultural estrangeiro. Bons etnógrafos ainda têm os seus limites e as suas análises sempre são incompletas.

Acho que principalmente para nós negros é preciso entendermos que a gente tem que começar a estudar... não excluindo ou colocando que as pessoas não possam estudar de uma forma ou de outra a questão racial e os negros, mas isso quando o grupo permite, não forçando a barra como a gente percebeu naquela citação anterior. E que o nosso olhar vai ser sempre diferente porque quem está vivendo é a gente. Então, chegar

uma pessoa e dizer: "Não, não precisa o programa x, porque existe uma democracia racial, o Brasil é um país miscigenado". Mas se têm negros com talassemia, conta para mim quantos, coloca no seu gráfico, dá nomes aos bois. Então, de repente eu acho que a gente tem que começar a interferir nas pesquisas de uma forma ou de outra e não se tornar tão pacífico quando as pessoas chegam e colocam que a gente é isso ou aquilo. Ou só porque não temos os "istas" e os "logistas", antropólogos, filósofos e outros em grande quantidade dentro da nossa comunidade, acabamos acreditando que eles têm o poder e o saber. O saber para mim é vida e passa pela gente também. Nós só não temos acesso; não pode fazer grandes pesquisas, mas podemos pensar direitinho sobre nós. Eu acho que é só.

SANDRA MEDEIROS EPEGA

Acho que estou um pouco em minoria aqui, porque todo mundo se sente muito discriminado. Eu sou o que sou, a cor de minha pele não influencia a minha religião. Orixá não tem cor. Eu sou de Xangô. Que cor é Xangô? Que cor é o raiô? Que cor é Oya? Que cor tem a formação do mundo? Que cor é Olodumare? Então, realmente não me considero também uma resistente, porque não sou de candomblé, mas da tradição de orixá. Portanto, ao invés de ser uma resistente, sou uma implantadora. Felizmente estou em maioria aqui, posso falar um pouquinho mais fácil.

A princípio, como me interei que havia pesquisador? Eu era uma dona de casa, aliás, antes disso, era até uma jovem quando entrei na tradição dos orixás. Tinha dezoito anos, não sabia nada, não entendia nada, não cheguei a fazer universidade, minha universidade é a da vida. Me inclui na religião através de uma mãe-de-santo hoje morta e que professava a nação angola. Quatorze anos passados lá, com a morte dela me vi órfã e sem conhecimento algum. Aliás, se houver pessoas iniciadas aqui, eu sei que tem, algumas até de minha casa, talvez tenham sentido isso um pouco na pele: ficar dentro de um templo durante anos e anos e sair dele sem saber coisa alguma. Tentei me ligar com uma outra casa, mais importante e conhecida, e fui hostilizada e repudiada por muitos pais-de-santo. Uma vez que não me incliei lá, não era bem vinda. Comecei a pensar: já que o conhecimento está nas universidades, o conhecimento religioso também estaria lá à minha espera. Assim, vim para cá. Comecei no Museu de Arqueologia e Etnologia com o Kabengele Munanga. Fui muito bem recebida, fiz alguns cursos extracurriculares com ele. Depois conheci o professor Laranjeiras e fui ver como era a adivinhação no angola, não tinha nada

a ver com o jogo de búzios. E aquilo foi me deslumbrando e eu descobri a pesquisa acadêmica. E descobri mais: dentro da pesquisa acadêmica havia conhecimento que me negaram nas casas. E comecei a pensar: será que o pesquisador é um veículo dos orixás? Será que ele é um enviado dos deuses para sugar aquilo que os grandes sacerdotes não ensinam para ninguém e deixar à vontade esse conhecimento para quem quer que seja? Mas isso é uma avenida de duas mãos, é meio perigoso. E nesse mesmo Museu eu conheci um nigeriano que me falou de meu pai-de-santo, que ainda não era nada meu nesta ocasião. Entrei em contato com ele. Quando alguns anos depois ele veio ao Brasil, nos conhecemos pessoalmente. Ele me adotou e hoje felizmente faço parte de um *egbe Ifá*. Ifá é o orixá do destino, aquele que rege o jogo de búzios. Hoje sou adotada e uso o sobrenome Epega. Mas eu continuava pensando: como fica a questão da pesquisa? Eu comecei a formar uma extensa biblioteca de xerox: da tese do fulano, do beltrano, do sicrano... E aí eu fui peneirando o que me interessava ou não. Algumas coisas eu achava um extremo absurdo, outras que eram axé demais até para mim que já tinha dezoito anos de iniciada, agora eu tenho trinta. E fiquei pensando como agiria caso houvesse um pesquisador em casa para preservar o *awô*, o segredo, porque o núcleo de nossa tradição é ioruba. Vejam que falo só de tradição de ioruba, de orixá. Não estou falando de banto, angola, cfá, jeje, nada disso, só ioruba. O nome de nossa tradição é *egbe awô*, ou seja, o grupo que é baseado no segredo, o grupo que tem a religião do segredo, que fala do segredo. Então, o segredo tem que ser absolutamente preservado.

Comecei, assim, a pensar: será o pesquisador útil para nós? Quer dizer, tinha sido para mim até então. Mas, será útil no geral, para todos? Será a pesquisa útil para quem a faz ou será útil para o próprio pesquisado? O pesquisado tem acesso à pesquisa? Nesse ponto concordo plenamente com o Ailton. E justamente para responder a essa pergunta comecei a seguir as pesquisas e hoje eu me digo "rato de congresso". Comecei a seguir as pesquisas porque queria saber o que estavam fazendo quando falavam para mim: "Olha, mãe Sandra, estou lançando a minha tese". "Ah, que ótimo, quero uma cópia, quero saber o que vai sair". Eu e o Wagner Gonçalves já tivemos uns pauzinhos uma vez que ele assistiu um bori e passou isso para frente. Então, o pesquisador depois se encaixa. Ele tem que aprender o que é o *awô*, o que pode e o que não pode. E nós também temos de deixar de ser idiotas e só abrir aquilo que pode. Porque muito pesquisador, apesar de se dizer seduzido, não é o seu caso, Wagner, ele é safado [risadas]. Ele pesquisa e depois sai e expõe. Temos aí uma série de pessoas, inclusive os "Pierre Verger" da vida. Nem tudo aquilo que está nos livros pode ser colocado e nem tudo aquilo que é fotografado pode ser posto. É muito interessante você assistir um filme sobre uma

iniciação, mas você acha que um orixá está respondendo ali sendo filmando? Não está. O que está se vendendo ali é um ato, e do nosso ponto de vista, do axé, é até mesmo uma palhaçada e uma irreverência, o que é mais sério. E começaram a aparecer pessoas de jornal (um jornalzinho mais simples, um menos importante), gente das escolas: "Ah, mãe Sandra a senhora dá uma pesquisa aqui?" "Pois, não". Uma pesquisa aqui, outra acolá. Depois me envolvi com esse processo da AIDS. Ai aumentou a questão da pesquisa. Sou vice-presidente do GECAIDS - Grupo Especial de Combate à AIDS - que faz prevenção de AIDS dentro do segmento religioso afro-brasileiro. Ai começaram a chegar pessoas mais importantes, chegou o Wagner, o Reginaldo Prandi, chegou a Rita de Cássia Amaro. Depois vieram alguns dos meus filhos-de-santo e clientes que fazem outras pesquisas. Então, de repente eu estava do lado de fora, vendendo o cliente fazer a pesquisa no segmento dele e me passando as informações que conseguia e o que ia fazer com elas. "Puxa, que chato não conseguir entrar nesse determinado setor!", eu pensava. Com isso tudo fui aprendendo, com certeza, e muito. Acho que foi em 1985 ou 1986, eu estive num encontro da UNESCO, lá em São Luís do Maranhão, e um dia eu me senti assim tão do outro lado da jaula que eu disse ao Sérgio Ferretti que estava coordenando o encontro: "Olha, Sérgio vocês têm que ver como lidam com o pesquisado, porque às vezes a pessoa que é pesquisada, quando vê exposto aquilo que falou, ou quando vê exposto o que outro pesquisado falou, se sente um mico dentro da jaula". E era assim que eu estava me sentindo, sabe? Porque tal pai falou isso, tal pai falou não sei o quê. Não que não houvesse respeito, entende? Mas é que havia uma frieza tão grande. Eles estão pesquisando gente, sabe? Eu não sou um braço. Acho que se de repente eu estivesse ali como um objeto da medicina e me fizessem: "Este abdômen hoje entrou para uma cirurgia", eu haveria de me sentir muito triste, porque eu não sou um abdômen, sou uma pessoa. Da mesma maneira que se disserem: "Entrou numa casa e pesquisou tal segmento, tal setor, e tal não sei o quê". Isso choca. E o Sérgio falou assim para mim: "Olha, eu nunca pensei que as pessoas, os pesquisados, se chocasssem tanto". Eu falei: "Então se oriente porque realmente a gente se choca". Ficamos assim irritados com esse modo frio, não com que o pesquisador nos trata, mas com que a pesquisa é apresentada. Até reconheço que é necessário um grande discurso científico, um grande conhecimento de uma série de coisas que nós não temos, mas, que diabos!, sejam um pouquinho mais amáveis, principalmente se o pesquisado estiver sentado perto.

Alguns pesquisadores se tornaram amigos, alguns até filhos de orixás da casa. E é muito interessante a gente ver a evolução do pesquisador. Aí nos é que estamos do outro lado da jaula. Porque aquele que entra em nossa casa, duro, frio, rígido, levando um livrinho de presente: "Nossa,

acho que ela nunca ouviu falar nesse autor, vamos levar". Excelente ganhar um presente, não é? Então, você serve um cafezinho, conversa... Da segunda vez, ele vai assistir a um toque. Na terceira vez, ele assiste a mais um, se torna amigo. Ai você vai numa outra casa e vê que ele também é amigo daquela casa, e de uma outra ainda, e de repente você vê que ele faz parte do axé. O orixá viu, ele vai lá e se prostra perante o orixá. E suspenso ogã, ou de repente pede para receber um bori. É engraçado ver que isso também muda o enfoque da pesquisa. Ele começa a entender a necessidade do awô, do segredo, e a de se privar de expor certos conhecimentos em seu próprio benefício e do que está sendo exposto. Porque se o sacerdote vir que pode confiar naquele pesquisador, ele abre um pouco mais, ou se os seus primeiros trabalhos forem confiáveis, ele abre um pouco mais ainda. E tenho certeza que o pesquisador também se sente satisfeito por ser honrado com a confiança de um sacerdote. Porque é como uma trélica, entende? É uma coisa muito leve que vai se criando como se fosse montar um tecido. Nós estamos tecendo alguma coisa que é a confiança entre o sacerdote e aquele que pesquisa sua casa. E é muito interessante, conforme falei, ver como a pesquisa é explicada. Até me lembrar de uma coisa que questiono muito sobre a pesquisa. Talvez eu não esteja vendo agora, mas um pouco mais para frente. Quando Elisabete falou há pouco sobre o Congresso do Recife, eu me lembrei de uma coisa que aconteceu numa de suas mesas. Eu não me recordo quem foi a museóloga que citou que, em Salvador, o museu da polícia tem inúmeras peças religiosas, algumas do século passado, assim como outros também têm isso e aquilo. Quando ela terminou sua fala, eu disse: "Escuta, e vocês foram atrás para ver de que templo são essas peças para devolver?" São coisas religiosas. Há cerca de uns dez anos atrás, não sei bem qual foi a nação indígena, que fez um tremendo salseiro em torno de uma peça religiosa até que esta precisou ser devolvida. Nada mais justo, por que aonde uma peça religiosa tem que ficar? Entre quatro paredes religiosas. Se o museu achar que aquilo é tão importante, peça ao sacerdote para fazer uma coisa parecida. Porque aí sim pode. É uma coisa parecida mas não é sacra, é laica, aí pode ficar no museu, pra quem quiser ver. Agora, se for sacralizada, se recebeu axé, ela tem que ficar dentro ou da casa original ou daquilo que mais se aproxime dela. Eu até concordo que o museu seja um local excelente para preservar e para mostrar para todo mundo, mas questiono muito as coisas sagradas dentro do museu. E vocês não se esqueçam de que as coisas trazidas de lá, de nossa terra mãe, se dispersaram, desde da Alemanha até a França, da Inglaterra, de todo o canto, e muitas coisas antiquíssimas com duzentos ou trezentos anos, estátuas e peças de axé estão nos museus para quem vir poder dizer: "Nossa que engracado!" "Olha como aquele negro é beiçudo!" "Meu Deus, olha aquela máscara

como é feia!" Não é assim. Ai eu já questiono: quem errou? Não foi o pesquisador. Pode ter sido um reverendo, um pastor, uma influência do cristianismo ou porque para eles não tinha significado. Mas, hoje, que eles estão conscientes do significado e sabem o quanto isso é importante para nós, essa situação deveria ser revista.

E os livros? Os livros escritos? Não são só as teses, são os livros. São bons. Eles estão expondo axé. O pesquisador vai fazer uma pesquisa, muito bem. Mas ele tem capacidade, sem conhecer profundamente a religião, de saber o que pode ou não colocar? E se ele colocar errado? Nós temos que ver o seguinte: axé é arma. Axé dá vida; axé mata quando é usado errado. Não que a gente vá fazer algo para matar, se bem que tem louco que faça, mas é uma arma. Você lida com a cabeça da pessoa, com a força vital dela, com o sentido de sua vida. Então, uma vez que você tem uma receita de como fazer um ebó, uma amarração, um *orô* ou uma cerimônia que leva sangue, será que isto deve aparecer nos livros? Por mais que o pesquisador se ache capacitado, ele deve colocar isso nos livros? Eu até comprehendo que tem muito sacerdote maluco que para se reverenciar perante o pesquisador, abre tudo para ele, abre a porta do profano e do sagrado, do coração, do íntimo do templo. Ai, eu acho que depende do sacerdote, mas também do pesquisador. E novamente por isso eu comecei a seguir as pesquisas. Tenho visto barbaridades mas também coisa muito boa. De repente, eu sou meio metida, comecei a achar que se era conhecimento o que as pessoas queriam, então era mais lógico que este conhecimento viesse de quem sabe do que de um intermediário; muito mais lógico. Sem passar *awô*, o segredo, eu comecei a desenvolver, e quando digo eu, quero dizer meu templo, a nossa comunidade, meus filhos, enfim nós começamos a desenvolver uma série de coisas, inclusive escritas, apesar de nossa tradição ser oral. Sim, mas nós viemos da Nigéria que há trezentos anos era ágrafa, e hoje estamos no Brasil que tem escrita. Não há como manter aqui uma tradição religiosa ágrafa, então ela tem que ser escrita. Nós estamos começando hoje a fazer livros pequenos, de pano, escritos por mim para as crianças, porque elas precisam. Sabe, os coleguinhas delas têm um livro a respeito do anjinho, da Santa Terezinha, do menino Jesus, não sei mais de quem. Nós não somos cristãos, nós temos a fala. Mas, não é a mesma coisa para uma criança ficar reunida ali no pé de um dos mais velhos, escutar uma história, e levar para a escola um livro e balançá-lo para o amiguinho: "Eu tenho um livro a respeito do meu orixá". Isso é importante, da mesma maneira que ele balança as contas que têm no pescoco. Então, nós começamos a escrever o ritual de casamento, de batismo, como se deve aproximar-se de um sacerdote, o porquê do sacerdócio. Mas é uma visão de dentro da religião. É claro que não vai se exigir isso de um pesquisador mas, eventualmente, a tal da tese nisso

pode auxiliar. A maior parte dos sacerdotes, pelo menos aqueles que têm, vamos dizer, um outro nível de pensamento, uma outra maneira de pensar, os jovens, os modernos, os reafabricados como gostam de se intitular, também tem feito isto, tem trazido as suas próprias pesquisas a público, não para disputar com o pesquisador, mas para mostrar uma visão de dentro, uma visão religiosa.

É muito interessante a gente pensar como é que a nossa pesquisa é vista pela ótica do pesquisador. A primeira vez que eu disse isso, acho que foi nessa sala mesmo num encontro de estudos rurais e urbanos: daí que a dois mil anos um arqueólogo pode achar umas fotos de aniversário e, sabendo que nessa época o ar era meio ruim, ele vê na foto uma criança com uma bexiga na mão e diz: "Ah, que bonito, cada um carregava o seu suprimento de ar!" [risadas]. Então, isso é a ótica do pesquisador. Sabe, uso muito essa frase porque acho que ela diz muito daquilo que eu estava pensando naquele momento e que penso até hoje. E com isso nós temos que Oduuduá é mulher. Meu Deus! Ele é um guerreiro ioruba! Foi nosso principal ancestral, aquele que deu vida a todos os outros, o primeiro Oni-Ife, rei da cidade de Ifé, berço dos iorubas. Era descendente de Oduuduá e de Olokun, deusa do mar. Agora, nós vimos no ano passado ou nesse ano uma escola de samba dizer o quê? "Oduuduá, numa ardente paixão se entregou a Obatalá". O que é isso?! Pode uma pessoa chegar para mim, como o Marco Aurélio lá no Recife, e dizer: "Mas orixá não tem sexo". Claro que tem. Nós temos o lado feminino e o lado masculino e Oduuduá é um princípio masculino de existência. Agora, esse erro continuou com Ellis e ultimamente com uma pesquisadora recente que é Juana Elbein. Então, um erro de pesquisador no começo pode induzir outros pesquisadores, que se baseiam no primeiro, a levar em frente uma história ou uma idéia totalmente distorcida, que só se acha na cabeça deles e em nenhum outro lugar. E quando vou a um seminário como este ou a um congresso, simpósio, encontro, palestra, seja lá o que for, aprendo mas também discuto aquilo que diz respeito à minha religião. De resto, realmente acho excelente que as pessoas falem, vou aprendendo cada vez mais posturas, o que a pessoa acha, não é mesmo? É ótimo.

E por que os sacerdotes aceitam a pesquisa? Acho que ninguém sabe, mas hoje é chique para uma casa de orixá ter um "ólogo" de plantão. Chiquíssimo! "Este é meu antropólogo". "Ah é, eu tenho um musicólogo"; "Eu tenho um etnólogo"; "Eu tenho um sociólogo". Chiquíssimo! Quanto mais chique o pai-de-santo, de mais "ólogos" ele se rodeia. E os "ólogos" usam isso, vocês pensam que não? Usam. "Olha, vamos levar pai fulano em tal lugar que ele ainda não conhece". E lá vai pai fulano à reboque do "ólogo". E muitas vezes esse lugar é um templo e quem tinha que se impor

ali seria o sacerdote e não o “ólogo”. Ái é causa e efeito. Acho que a sedução existe dos dois lados. O sacerdote cai de pau em feitiçaria para amarrar o “ólogo” e o “ólogo” aceita tudo para entrar na profundidade daquilo que ele quer aprender. Que vergonha, não? É uma realidade. No Leuiwyato, templo do qual sou ialorixá, abominamos a feitiçaria. Mas não existe só o Leuiwyato, existem “n” templos. E daí saem filmes como *Ilê Xoroqué e dos ares* e outras maluquices que tais. Então, o temos que fazer? Nós temos que peneirar. Aquela que é pesquisado tem que peneirar quem entra em sua casa. E sugiro ao pesquisador que quando for muito aberto, a nível de tradição de orixá, peneire também, porque com certeza esse tipo de informação é truncada e deturpada. O verdadeiro axé não se abre, o verdadeiro axé é mais fechado que uma ostra, sabe? Não são todos que têm acesso ao axé e quando a pessoa tem esse direito é porque já está consciente que não pode passá-lo para frente. Então, esse tipo de assunto não sai. Iniciação, maravilhas, isso não sai. Nós temos que dividir os pesquisadores e escritores. Bons pesquisadores, excelente. Bons escritores, excelente. E os maus? Esses nós temos que pichar. Para isso nós temos o INTECAB, Instituto da Tradição Afro-Brasileira, do qual eu faço parte do conselho de ética e ali cada vez mais estamos tentando penetrar esses maus autores, essas loucuras que tem por ai como o próprio sacerdote expondo o seu axé, vendendo fitas sobre como fazer um axexé (que é uma cerimônia de morte), ou como dar um borí (que é uma oferenda própria à força vital) e outras loucuras. E os pesquisadores quando entram no templo, normalmente perguntam: “Mãe Sandra, a senhora se sente discriminada?” “Quando foi à África se sentiu discriminada?” “Mas discriminada por quê? Eu sou iniciada. Se o sacerdote na África tiver dúvidas a meu respeito, ele vai pegar um obi, um orobó, fava de adivinhação, dezesseis búzios ou opelé-ifá e perguntar ao orixá: “Essa mulher é feita? Realmente ela tem competência? Ela é iniciada? Ela pode entrar dentro do *awô*?” E Orumilá vai responder: “Pode”. Porque eu sou iniciada. Então que discriminação vai haver? Discriminação porque eu sou branca? Torno a dizer: orixá não tem cor. Discriminação na cidade onde eu moro, que é deste “tomainho”, que um dia puseram mão única e quem saiu não voltou. Então, discriminada? Sou. Sou a bruxa da cidade, mas vou fazer o quê? Mas respeito, acho que a gente adquire, e eu me imponho na religião. Quando não sei, vou saber, não falo besteira. Quando eu não tenho certeza, vou a fundo para descobrir. Não falo hoje uma coisa e depois de dois dias mudo de idéia. Respeito se adquire, postura religiosa se aprende, se impõe e se mantém. Conhecimento religioso se adquire e se peneiram as pessoas que o passarão para frente. Além do mais, dentro da tradição temos que lembrar que usamos dezenessos búzios e o décimo sétimo é a cari-

dade. Não tem condição de se fazer a religião exclusivamente para o templo. Temos que olhar em volta. Há pessoas mais pobres que devemos ajudar. Agora, não é aquele paternalismo que as pessoas esperam: “Ah, mãe Sandra vem trazer uma cesta básica. Que bom! Será que no mês que vem tem outra?” Não, espera um pouco. Qual é o problema: é falta de emprego? A gente tem tanto cliente, vamos tentar achar alguém para ver se consegue um emprego para pessoa ou empurrar as pessoas para estudar e subir na vida. Outro dia eu estava lendo um livro de *lalorixá Stella*, no qual mãe Senhora, a segunda sacerdotisa do Opô Alonjá, falava que queria ver todos os seus filhos de anel no dedo, canudo na mão e louvando Xangô. Olha, concordo plenamente com ela. Sábado agora num festival de Oya, de Iansá, deusa dos ventos, em minha casa, tivemos um sérrissimo problema: não tinha quem fizesse as coisas porque todo mundo estava trabalhando e estudando, gravações aos orixás. Então, é assim que tem que ser. Todo mundo do templo tem que subir, porque se o sacerdote sabe fazer alguma coisa, ele vai fazer para o vizinho? Não vai. Vai fazer para si, para sua casa e seus filhos. Então, essa história: “Ah, mas eu tenho um karma tão grande que não posso me ajudar, só aos outros”. Pesquisadores, não creiam nisso, é “marmotagem”, falta de conhecimento. A pessoa tem que ensinar aos outros a seguir seu próprio caminho. Um pai ou uma mãe têm por obrigação ensinar seus filhos e, como o nosso sistema é tribal - na minha casa é matrarial, em outras é patriarcal - eu tenho por obrigação botar meus filhos no caminho certo. E o que escuto muito dos pesquisadores é: “Nós temos que pesquisar, mãe Sandra, porque o candomblé está morrendo. É para o axé não se perder”. Engraçado, nós temos que pesquisar, manter tudo gravado... ai voltamos ao Ailton Krenak com o óvo da tartaruga e os dinossauros. A nossa religião existe há seis mil anos, somos mais antigos que o judaísmo, não estou falando de candomblé, mas de tradição de orixá. Somos mais antigos que uma série de “ismos”, que o catolicismo, o cristianismo, que um monte de religiões. Nossa religião tem pontos em comum com várias religiões antigas; nós cobrimos os espelhos na morte como os judeus, mantemos um pálio sobre a cabeça dos nubentes, quebramos a vasilha onde se bebe. Na África sobrevivemos não a séculos, mas a milênios de brigas e choques tribais, sobrevivemos à escravidão entre os povos, à quase destruição de Ketu, à guerras intestinas em Oyó; à disseminação do povo egbá e à vindas para o Novo Mundo. Para cá o iniciado trouxe o orixá na sua cabeça. Ele não trouxe uma navalha na mão nem um caderinho debaixo do braço com o *oriki*. Trouxe ali, na cabeça, a sua iniciação. E aqui ressurgimos e revivemos. Estamos vivos. Sobrevivemos a duzentos ou trezentos anos de perseguição do senhor de engenho, do dono de escravo, às perseguições religiosas, aos “Pedrinho Gordo” do início do século, à Igreja católica e hoje estamos sobrevivendo aos pesquisadores. Obrigada.

nossos trabalhos, a solidariedade e a reciprocidade poderiam estar na verdade não na confusão da militância e da pesquisa, mas na produção da melhor pesquisa possível para sermos capazes de, enquanto cidadãos e seres humanos, colocarmos o nosso conhecimento à disposição da luta daqueles que são vítimas da violência e da desigualdade desse país.

DEBATE

PLATEIA: Existe hoje um otimismo por parte dos antropólogos em relação a questão indígena. Como é que você, Ailton, percebe isso?

AILTON: Eu não percebo.

PLATEIA: Então, se você não percebe, estou te falando: os antropólogos estão hoje otimistas.

AILTON: Ah! É uma declaração. Acho isso ótimo. E tomara que os antropólogos e todo mundo acredite nisso, ai fica melhor. Espero que isso contagie a gente também. Os antropólogos se mancaram de uma atitude que tomaram com relação à gente durante muito tempo, que não tinha sentido quando escreviam livros dizendo: "Nossos índios, nossos mortos", "Coitadinho de não sei quem", "Eles já se foram", "Eles estão indo"... Então, eles encarnaram muito aquele baixo astral que parecia velório, mas depois começaram a jogar fora aqueles livros e teses "mais mortalhas", e disseram: "Quer saber de uma coisa, parece que eles não morreram". Então, ficou um clima mais respirável. Darcy Ribeiro tem um livro, "Os Índios e a Civilização", que a maior parte dos estudantes de Antropologia tinha, e é capaz que ainda tenha, que ler, no qual o meu povo aparece incluído num grupo de tribos extintas. Então, tinha um espírito que era assim: a lista das tribos que iam desaparecer na década. Nesta década vão desaparecer os Bororo, os Suruis, os Patuxis, os Pataxó e os Guarani. Na próxima década, desaparecerá tal tribo e, atenção, vem mais uma tribo desaparecendo na ponta do século XXI [risadas]. Não estou brincando, esse espírito era muito forte! Tinha uma coisa que era assim, eram novecentas tribos, viraram duzentas e setenta, daqui a pouco elas são só quarenta, trinta e daqui a pouco acabou. Esse tipo de coisa tem consequência, isto não é só dilettantismo ou argumento para discussão teórico-acadêmica ou, ainda, para ficar fazendo ensaios culturalistas. Esse negócio tem consequências, bate e pega. O general Bandeira de Melo gostando muito das

estes que mostravam que os índios iam sumir, incorporou essa sacanagem e levou isso para o Conselho de Segurança Nacional para mostrar o seguinte: "Os antropólogos, que são amicíssimos dos índios, concluiram que eles estão desaparecendo; nós que somos caras legais não vamos ficar demarcando terra para quem vai desaparecer. Então, temos que criar uma legislação que faça com que essas terras sejam dos índios enquanto eles existirem, mas quando eles acabarem, elas voltam". Tinha um consórcio no Brasil em que os índios iriam temporariamente viver nessas terras mas assim que os índios acabassem elas seriam distribuídas entre os acionistas. O Brasil é um acampamento, ainda não virou uma nação, algumas pessoas experimentam e querem conviver com esse sentido de reciprocidade, com esse sentido de "não peraí, meu amigo, calma", com um certo esforço civilizatório, só que sabemos que isso aqui é um acampamento, de garimpeiro, de gente em trânsito, é uma coisa terrível. Claro que quando assumimos a responsabilidade não de falar do ponto de vista pessoal mas de expressar uma demanda social, do meu povo, não posso de maneira nenhuma tratar dessa situação com esse grau de tolerância: "Ah!, mas descobrimos que eles não iam desaparecer, então desculpa pessoal". Porque não dá para pedir desculpas três décadas depois de ter consolidado, dado subsídio e até fundamentado teses arbitrárias, como a desapropriação de nossos territórios, o fechamento de qualquer acesso aos serviços que tínhamos que ter e não temos, porque alguma coisa levou o governo a reafirmar algumas vontades que ele já tinha antes mesmo da declaração de que a gente não sobreviveria e daí começou a transformar isso em regulamentação, em legislação, em política. Da mesma maneira, o Luís dizia que os cientistas sociais, os antropólogos, que conseguem ter uma atitude positiva com relação à demanda do povo negro, não conseguem ter poder para influenciar positivamente. Por outro lado, eles também não têm poder para controlar quem usa o conhecimento produzido por eles. Então, os antropólogos e cientistas sociais poderiam dizer: "Vocês, povo marginalizado, não reclamem porque eu não sou governo, sou cientista e não vou implementar essas ações, tudo que posso é constatar". O cientista social não vai implementar, mas em muitas situações vai dar instrumentos para os criminosos planejarem a política pública. Infelizmente, faz quatrocentos anos que no Brasil, quem planeja política pública é criminoso ou faz parte de algum grupo de controle do poder que tem resultado na expropriação, na perda de território, na morte não só da população indígena, mas de uma imensa parcela da população brasileira composta por brancos pobres, pretos pobres, negros quase pretos, pretos

quase pobres, quase todos pretos, quase todos pobres. Enquanto isso, alguns músicos, acadêmicos, letristas e cantores assistem lá de cima da casa de Jorge Amado à polícia dar tiro e soco na nuca de índio, de preto, de brancos quase pretos, de pretos quase brancos, então, como é que fica esse negócio? Ai depois é dito: "Mas espera aí, esses índios, esses pretos quando vêm a uma conferência, começam com esse negócio de falar da situação, do lugar do oprimido". Ora, dá uma chance para a gente falar do lugar do opressor, empresta o porrete. É um ambiente cheio de quiabos, escorregas para todo lado. Seria mais ou menos como se o Mandela chegasse durante a sua posse e dissesse: "Olha, temos que resgatar a situação desse nosso povo aqui", e o de Le Clerk dissesse para ele: "Pô, Mandela, que situação de oprimido, não fala isso, fico chateado". Olha, me lembro de um tempo que o meu povo não falava da situação do oprimido, era um tempo em que tínhamos o nosso território, as relações entre as tribos não eram intermediadas por nenhuma relação de dominação em cima da gente. Então, era uma situação que essa ciência identifica como um estado de realização de cidadania ou de alteridade. Houve um tempo em que meu povo sabia onde estava, para onde estava indo e sabia com quem estava indo. Num determinado momento, a nossa passagem pelo mundo foi interceptada por uma locomotiva, um trem, sofremos uma trombeta grande, não perdemos a consciência de para onde estamos indo, nem de onde viemos, porém procuramos abordar isso com um senso de realidade e responsabilidade. Não perdemos o sentimento mágico que foi mencionado aqui, que às vezes buscamos qualificar em nossa conversa com o ocidente que organiza e tritura todo mundo. A cultura ocidental tem uma forte configuração que está no Japão, na China, na África, na Europa e aqui também, e ela tem agentes muito definidos que movem uma engrenagem terrível que suprime o sentido da vida e da liberdade. É nesse momento que os negros ou os índios dizem: "Quero que vocês indenizem nosso povo por quatrocentos ou quinhentos anos de ocupação desse lugar aqui". Os índios dos Estados Unidos ganharam uma ação contra a União em que o estado da Califórnia teve que indenizar os Navarro por ter se estabelecido num território tradicional deles. Então, o Governo deste estado paga anualmente alguns milhares de dólares aos índios pelo aluguel do seu território. Seria como se a gente, os Krenak, alugasse o Rio Doce, os outros parentes Cássimos cobrando o aluguel. Ora, conheço algumas lideranças espirituais dos Hopi e dos Navarro, tenho um respeito muito grande por aqueles pajés e a certeza de que eles não deixaram de ser espirituais quando disseram para aqueles juizes americanos que tinham

que pagar milhões de dólares ao povo das montanhas. Aquelas xamãs e pajés sabem que a porcaria daqueles dólares não paga a montanha, nem os rastros que os cavalos dos brancos fizeram na montanha, nem o lixo que os brancos ali jogaram. Mas, eles queriam fazer com que aquela corte dos Estados Unidos entendesse que a gente que vive ali sabe que o tempo vai passar e que o sentido da criação do mundo e da força espiritual que deu origem aquele povo e aquele lugar vão se reestabelecer num outro nível de vida. Inclusive, porque no sentido tradicional de nosso povo, esse negócio de lugar é um ouro papo, estamos em qualquer lugar e em todos os lugares. Então, até o povo negro que veio para cá mas não perdeu a memória no caminho sabe muito bem que esse negócio de "pegaram na África e jogaram na América" não é bem assim: jogaram nada, vocês sabem onde estão. [palmas]

PLATEIA: Gostaria de perguntar aos palestrantes, quais as perspectivas de identidade que existem no sentido da cultura brasileira?

ELISABETE: Vou tentar responder à essa pergunta e aos comentários da Maria Lúcia que colocou a questão da humildade. Para pensar em termos de uma identidade nacional e cultural teremos primeiro que reafirmar a nossa identidade que não se pauta, como a professora diz, só numa herança, pois quando se perde a especificidade cultural, corre-se o risco de falar a mesma coisa que o branco falou. Como a mãe Sandra disse, temos que conservar, mas não conseguimos conservar a totalidade de nossa integridade física, moral e emocional. E identidade nacional é para mim quando índios, negros, pobres, nordestinos têm direito à vida. Ai sim, vejo que existe de fato um compromisso do antropólogo e do sociólogo em fazer uma Antropologia e uma Sociologia compromissadas. Outra coisa é que existe uma diferença entre humildade e subserviência. Apesar de não acreditar que possa existir esta questão da reparação, porque sei o quanto o branco tem poder, concordo que temos que lutar e ter uma visão de igualdade mas sem subserviência; temos que brigar e a cor tem que ser a minha defesa porque é ela que dá destaque ao meu grupo étnico.

PLATEIA: Eu queria perguntar para o Ailton se os índios, os Krenak, não desenvolveram algo semelhante ao que antropólogo faz?

AILTON: Com boa vontade, você pode aproximar o que faz o antropólogo com aquilo que faz um pajé ou uma pessoa que é o dono e guardador dos contos orais, da tradição, que incorpora os dados de acontecimentos das narrativas tradicionais. Mas, antropólogos não tem mesmo.

Nossas tribos tem um jeito de organizar o pensamento que não separa essas funções desse jeito. Quando falei sobre antropólogos, estava querendo reforçar principalmente uma visão de que o ocidente separou o conhecimento. Tem alguém que é ator e representa para quem vai lá e paga para assisti-lo. Tem gente que escreve para outros que não escrevem lerem. Tem quem conta caso para quem não conta escutar. Tem gente que pinta para quem não pinta, ver. Tem os que dançam para quem não dança assistir. Então, esse mundo esquizofrênico e zureta também gerou um cara que estuda a cultura dos outros mas não sabe nem a dele, às vezes. É provável que tenha muito antropólogo por ai que não saiba nada sobre a sua cultura mas sabe muito sobre as que estudou. Era essa perda da consciência de sua própria cultura para uma especialização da cultura dos outros - que fazem dessas pessoas instrumentos de uma confusão - que eu estava reforçando. Eu também não me sinto em nenhum momento privilegiado para fazer comentários sobre a cultura dos outros, procuro não ficar jogando pedra, não sinto alegria nenhuma em fazer uma crítica dura com relação a qualquer fenômeno cultural de outro povo. Mas quando fazemos devemos lembrar a responsabilidade de confrontar as diferenças.

PLATEIA: Mãe Sandra, como é possível traduzir o conhecimento de uma cultura para a outra sem denunciar ou trair um certo sentido original?

SANDRA: Interessante. Não gosto muito de usar o cristianismo como parâmetro porque não sou cristã, mas temos um exemplo clássico de tradução na bíblia na passagem em que está dito que o camelo nunca passaria no fundo da agulha. É o nó da corda que não passaria. Quem será que traduziu isso? Foi o antropólogo daquele tempo? Então, é preciso tomar cuidado com o tipo de tradução. Compreendo que não é uma tradução ao pé da letra, uma tradução de palavras. Toda a vez que você pede alguém que tenha um enfoque sobre a sua ótica, você está interferindo. Awô, segredo, não se traduz, se transmite. Eventualmente para transmitir o segredo a um filho, tenho que mascar uma fava, às vezes até duas, para que minha palavra tenha força o suficiente para transmitir esse segredo com todo aquele poder ancestral que os deuses me deram. Não sei se sou uma descendente física de Xangô, mas com certeza sou uma descendente mítica, e sendo uma Lalorixá de Xangô, uma sacerdotisa com posto no grupo de Xangô, tenho esse direito de transmitir o segredo para o iniciando, o iniciado, o neófito ou aquele que está subindo na escada do segredo. Será que o antropólogo está subindo nessa escada? Não está. Então, como é que ele pode recolher o segredo e transmitir? Ele pode eventualmente repassar o conhecimento

que obteve, porém o mais lógico, em se tratando de uma cultura antiga, baseada no segredo, como a minha, a indígena e qualquer outra, seria ele primeiro obter permissão. Esse sim é o espelho correto. Indagar: "Pesquisado, até onde posso contar o que estou escutando aqui?" Será que é bonito um pesquisador entrar com um gravadorzinho escondido debaixo da roupa durante um toque ou uma festa, ou forçar o acesso à uma cerimônia e depois colocá-la sob a sua ótica? Não é, porque ele não está entendendo o que está se passando. Não tem como transmitir o segredo para o não-iniciado. Por isso é segredo, se não fosse estaria aberto para todo mundo. Se não fosse ninguém precisava pesquisar. Agora, não vou ser hipócrita, eu me beneficiei disso, de pesquisadores felizmente corretos, como foi o caso de Flávio Pessoa de Barros, de Sérgio Ferretti e inúmeros outros. É claro dos clássicos, de Roger Bastide, mesmo enfrentando às vezes uma leitura difícil para mim que era uma pessoa totalmente leiga no discurso acadêmico. Ao ler Nunes Pereira, Sérgio Ferretti, não se vê segredo no que eles escrevem, pois são conscientes. O mesmo não ocorre com determinados pesquisadores. Vou citar uma pessoa de quem conheço a obra mas não a conheço pessoalmente. É Claude Lepine. Questiono os arquétipos descritos. Vamos nos ater a parte sexual. O Carlos Eugênio Marcondes num curso no Instituto de Pesquisa Analítica Aplicada falou de arquétipos baseando-se justamente nessa autora, quanto temos Monique Augras. Ele disse que os homens de Oxossi são um pouco retirados, reservados, e por isso não tem mulheres. Os de Obaluaiê são misantropos e os de Omolu, então, não tem mulheres. Já os homens de Obatalá não são férteis, por vezes são impotentes. Os de Oxumare e de Logunedé são bissexuais e muitas vezes não tem relação sexual satisfatória. Só são homens os filhos de Ogum e de Xangô. Então, me desculpe, mas ele pesquisou um terreiro onde todo mundo era impotente. Não que o orixá faça isso para uma pessoa, é um erro da pesquisa e sabendo da grande quantidade de homossexuais que tem nos terreiros por aí, esta opinião parece estar certa. Mas, não existe esta história. Eu, por exemplo, quando fui à África, sendo branca e uma mulher diferente, oyinbo, de repente tomei cantada de sacerdote de todos os orixás, de Oxossi, Oxum, Obatalá. Não correspondi mas fiquei com meu ego massageado. Então, não estou falando mal da pesquisa dela, estou citando um aspecto, uma única parte que soube de sua pesquisa. Para divulgar o segredo, a pessoa precisa entendê-lo e ver qual o filtro que vai usar. E quando se diz: "Precisamos pôr essa pesquisa em livro para divulgar", pergunto: "Divulgar o quê?" Não precisamos de marketing, não somos sabonete, nem sapato, nem produto de beleza. A tradição dos orixás não precisa de marketing, estamos satisfeitos am-

te divulgados, caso contrário fariamos como os protestantes que vão de porta em porta divulgando o seu produto. Se não fazemos isso é porque estamos satisfeitos. Querendo ou não, o Brasil é mestiço e não é só na cor, raça, cultura, religião ou etnia. E todo lugar em que se acumulam raças e culturas, as raízes se mesclam. Pegando um gancho aqui do meu irmão, os *black roots* dos Estados Unidos têm o Charles Lawrence que é um dos cheles e é meu neto no orixá, porque ele é filho de Xangô, por sua vez filho de minha filha Ominfukê. Então, ele não deixou de ser um índio ou um nativo americano, mas ele é um seguidor da tradição de orixá. Uma vez foi sugerido que os congressos fossem feitos “lé com lé, cré com cré”, separando os leigos dos clérigos. Curiosíssimo podermos pensar isso para um próximo congresso. E já que talvez seja a última oportunidade que eu tenha para falar, pergunto a respeito das reparações se dois erros fazem um acerto? Vamos ter orgulho de nossas raízes e falo de cadeira, porque tenho ancestrais negros e Bororo também. Para censurar, imitarmos? Vamos melhor do que aquele que existe. E como não vou falar mais, os orixás que nós protejam. Sou uma religiosa e só sei rezar.

PLATEIA: Queria pedir ao Luis que falasse um pouco mais das perspectivas desse movimento de reparação.

Luis CARLOS: O Ailton foi muito feliz quando respondeu, com a oralidade que lhe é uma competência, o que na verdade passava também pela minha cabeça. Acho que há uma confusão entre uma luta política reivindicatória e o aspecto humano da transmissão da cultura. Não acho que lutar por condições melhores de vida vá mascarar a cultura milenar negro-africana. E nem quero acreditar que o que foi falado é nesse sentido. Se batalhamos por melhores condições de vida, responsabilizando o Estado que apesar da força da cultura não conseguiu nos massacrar, nesse momento não estamos esquecendo o que vivemos nesses milhares de anos. Não entendo como sendo dois erros, pois há uma conjuntura histórica que produziu uma miséria humana que carnejou milhares de pessoas de um canto para outro, que massacrhou e levou a uma situação de miséria. O Rio de Janeiro é o melhor lugar para pensarmos na Antropologia brasileira. Vejam a expressão da violência carioca em relação à felicidade baiana. Enquanto o Rio de Janeiro produz violência, a Bahia produz também uma média de cinqüenta negros menores mortos por mês ao mesmo tempo que produz aquele dado cultural fantástico. Ora, não podemos ser ingênuos achando que

os meios de comunicação não interferem nas culturas milenares, a não ser que estivessem fora do mundo. Precisamos criar condições objetivas para que os nossos filhos continuem falando e vivendo a tradição do orixás, a tradição oral, sambando, jogando futebol, porque essas coisas não existem sem base material. Sobre a questão do valor, não falei nisso pois é uma outra discussão. Mas tem um aspecto que volto a colocar como algo para mexer mesmo. As pessoas podem ser até contra cada trabalhador negro ter direito a uma indenização de US\$ 103.000, mas elas terão que pensar que quando pedimos essa indenização, estamos pensando em acabar com a FEBEM, em formas de articulação para que aqueles garotinhos do pelourinho não fiquem só batendo tambor, que a expectativa do negro não seja apenas ser um grande craque ou jogador de futebol. Existe a possibilidade concreta de estarmos brigando por uma dignidade que pode até se efetivar ou se mostrar em termos financeiros, e ao mesmo tempo estamos garantindo a continuidade dessa luta, até para preservar essa tal humanidade que só é possível com a diferenciação que é rica e deve continuar. Então, em nenhum momento pensamos que ao fazer a reparação estariamos pondo numa tradição milenar, oral, negro-africana e negro-brasileira.